



A PRINCESA E A COSTUREIRA: AS NOVAS REPRESENTAÇÕES FAMILIARES NO CONTO DE FADAS

Autora: Maria Geneceleide Dias de Souza; Orientador: Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba - geneceleidecz@hotmail.com; hermanorg@gmail.com

Resumo: Ao longo dos tempos, foram contribuindo para a modificação no conceito de família as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas. Essas novas constituições de família, vêm ganhando representatividade, também, dentro do texto literário, sobretudo, na literatura infantil. Nesse sentido a literatura protagoniza, através das suas narrativas, espaços de inclusão das diversas formas de parentalidades. Possibilitando a criança a desenvolver a imaginação, a reflexão e os seus sentimentos diluídos de preconceitos. Diante disso analisaremos o livro infantil *A princesa e a costureira* da escritora Janaína Leslão, publicado em 2015. O conto narra o florescimento do amor entre a princesa Cíntia e a costureira Istar, a composição de uma nova parentalidade tendo em vista que elas se casam e vão viver juntas com o filho pequeno de Istar; além de suscitar o debate sobre relacionamentos interracializados haja vista que Cíntia é uma mulher negra enquanto Istar uma mulher branca. Utilizaremos como referencial teórico os pressupostos filosóficos de Simone de Beauvoir (2016) para dialogar sobre a construção da identidade feminina, e os pressupostos psicanalíticos de Françoise Dolto (1996) e Jurandir Freire Costa (1992), debatendo os aspectos da sexualidade feminina e homoerótica.

Palavras-chave: Literatura infantil, Família, Psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

A princesa e a costureira é o primeiro conto de fadas brasileiro, lançado em 2015, que rompe com os padrões ao narrar a história de amor entre duas mulheres. A escritora, Janaína Leslão, estreia seu primeiro livro no mundo literário discutindo no bojo da sua obra, temáticas inclusivas sobre relações homoafetivas e interracializadas.

A princesa Cíntia filha mais velha do rei e da rainha de EntreRios. Uma princesa negra quebra padrões com os seus cabelos black power, ela tem uma irmã mais nova chamada Selene. Sempre muito amigas viviam no castelo com seus pais, onde o povo queria muito bem a família real. Porém Cíntia sempre foi a filha prometida do rei para se casar com o único filho da família real de EntreLagos, o príncipe Febo. Homem branco e cabelos com dreadlocks. Os dois reinos sempre tiveram muita harmonia, eram justos e pacificadores e almejavam que os herdeiros se casassem para manterem os laços de amizade e boas relações entre os povos.

Febo foi criado muito próximo das princesas. Nas férias e nas festas estavam sempre juntos. Os três aprenderam a dançar, patinar, andar a cavalo, observar as estrelas e, desde pequenos, a defender as idéias de

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

paz em seus reinos. Para a satisfação das famílias, eles se davam muito bem e acredita-se que não haveria problemas com o futuro casamento. (LESLÃO, 2015, p. 8).

Febo, Cíntia e Selene tiveram uma infância próxima o que viabilizou construir laços de amizade. Os jovens pretendentes ainda não tinham sido tomados pelo ardor nem da paixão nem do amor. De acordo com a psicanalista Maria Rita Kehl (2009) a paixão é um momento flamejante, enquanto que o amor “é visto como a água morna do dia a dia cinzento.” Haja vista que estes jovens apesar de próximos ainda não tinham construído estes entrelaçamentos.

A fada madrinha de Cíntia lançou um encanto para a menina logo após seu nascimento e a princesa saberia quem seria o amor da sua vida assim que a pessoa lhe tocasse as costas. Em vésperas do seu casamento Cíntia procura pela recém chegada costureira, Istar, mulher branca, com filho pequeno, que possui um alfinete encantado. E ao ajudar a subir na banqueta ela toca as costas da princesa que tem a revelação que a costureira é o seu verdadeiro amor. A princesa confia sua revelação para a irmã Selene e a mãe que compreende a situação, mas o rei não compreende. Trancando Cíntia na torre do castelo. Nessa confusão a mãe da princesa se fere acidentalmente no peito. O rei em agonia ao perceber que a mulher não se curava resolve dar à mão da filha para quem curasse a rainha. E todos os dias se formavam uma fila de pretendentes para ofertar uma cura tendo em vista se casar com a princesa. Istar todos os dias enfrentava a fila sem êxito pois o rei mandava os seus guardas atirá-la na lama. O rei foi convencido que Istar teria a cura da rainha e deixou que a costureira usasse a sua agulha mágica que logo mostrou eficiente na cura da rainha. A narrativa prossegue como desfecho o casamento da princesa Cíntia com a costureira Istar. Febo confiando a Selene seu amor e ela correspondendo ao rapaz que acabam se casando e os dois reinos vivendo em tranquilidade.

A princesa e a costureira fizeram o que aprenderam durante toda a vida: lutaram por aquilo que acreditavam, não tendo medo de buscar a felicidade e a harmonia consigo mesmas e com todos. (LESLÃO, 2015, p. 43).

Ojetiva-se analisar pela ótica psicanalítica as representações familiares no conto de fadas que vem se constituindo na contemporaneidade. Nesta obra destacamos a inclusão de personagens com relacionamentos interracialis e os papéis de rei, rainha e princesas negras assumidos relevantemente dentro da narrativa, além de problematizar uma construção de uma

identidade feminina ativa, debatendo sobre temas da sexualidade feminina e homoerótica.

2. AS COORDENADAS DA PSICANÁLISE NO CONTO DE FADAS CONTEMPORÂNEO

A literatura infantil foi se inscrevendo a partir dos contos populares, demarcados no tempo, na história e na cultura a partir dos anseios de cada povo. As antigas civilizações habitavam um mundo que eles viam como misterioso e aterrador. Havendo a necessidade de expressar as suas inquietações e manifestar as emoções vivenciadas criaram: os mitos, os ritos, os símbolos. Demarcações estas fronteiriças para inicializar o jovem para a idade adulta e para referendar o rito fúnebre (PROPP, 1997).

Diante da perspectiva teórica de alguns autores como: Nelly Novaes Coelho (1991), Todorov (1970), estes propõe a conceitualização de conto fadas, conto maravilhoso e conto fantástico.

De acordo com Coelho (1991) foi no seio do povo Celta que nasceram as fadas. O primeiro registro que se tem passagem sobre o fato está no texto Mabinogion, escrito no Galês medieval entre os sec. XIV e XV. O Mabinogion se subdivide em livro branco e livro vermelho.

Para Coelho (1991) Os contos de fadas sempre se inscrevem no maravilhoso, visto que são ambientados num cenário com reis, rainhas, príncipes e princesas, fadas, gênios, objetos mágicos. Esses contos se desenvolve a partir de uma problemática existencial e predominantemente esta problemática gira em torno da união homem e mulher. Alguns exemplos das histórias clássicas são: *A bela adormecida*, *Branca de neve*, *Cinderela*.

Os contos maravilhosos tem a origem a partir dos orientais que elegeram o aspecto material, sensorial e ético do ser humano. São narrativas preocupadas com as necessidades primevas do ser humano: estômago, sexo, poder e suas paixões do corpo. Como exemplo Coelho (1991) cita o acervo de contos maravilhosos reunidos em *As mil e uma Noites*.

De acordo com o teórico Russo Todorov (1970) o conto fantástico é um gênero que apresenta o sobrenatural como surpresa, choque ou hesitação. Gera a dúvida se tal acontecimento sobrenatural está de fato acontecendo ou este é fruto da imaginação fantasística do personagem. Exemplos: *O manuscrito encontrado em Saragosa* de Jan

Potocki; e o livro *A queda da casa de Usher* de Edgar Allan Poe.

A teoria Psicanalítica acredita que somos seres atravessados pela linguagem. E através dela nos constituímos enquanto seres humanos. E nos possibilita entender a construção de família e o conceito de infância do século XIX, é a que temos conhecimento apesar da suas transformações. A família do século Vitoriano é a nuclear constituída pela figura patriarcal, a mulher e os filhos frutos desse casamento. Atrelado a este conceito se organiza a percepção e conceituação de infância de acordo com os pressupostos de Philippe Aries (1991) a criança não é mais vista como um pequeno adulto, começa a receber cuidados diferenciados de acordo com a sua idade e necessidades; passa a freqüentar a escola e mais atualmente suas imagens são associadas a anjos e ocupam um lugar central dentro da constituição da família nuclear.

No livro *A princesa e a costureira*, a família dos dois reinados se apresentam como nuclear. No entanto a obra faz a ruptura dessa perspectiva mostrando a possibilidade de casais homoafetivos de se relacionarem e constituírem suas próprias famílias como ocorre na trama o casamento de Cíntia e Istar e elas vão viver juntas com o pequeno filho de Istar.

Essa é uma das novas concepções de família e mostra a sua representatividade pelo texto literário. A criança passa a ser reconhecida como um sujeito de direitos e por isso lhe é preciso fornecer aparatos diferentes em relação aos adultos, para conceber suas idiossincrasias e sua subjetividade, revelando-lhe o mundo através dos contos de fadas.

Desde a primeira infância as histórias de fadas vão participando do nosso itinerário e ajudam a compor e recompor as cenas no imaginário infantil construindo um castelo de imagens. As narrativas sobrevivem ao tempo têm em “seu poder de simbolizar e “resolver” os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje” (CORSO & CORSO, 2006, p.16). as narrativas orais influencia a criança a constituir o seu universo infantil

É provável que as técnicas de transmissão oral, que na falta de imagens visuais apelam ao poder imaginativo dos pequenos ouvintes, sejam até hoje capazes de conectar as crianças ao elemento *maravilhoso* e à multiplicidade de sentidos que caracterizam o mito em todas as culturas e em todas as épocas, formando, na expressão dos autores, um “acervo comum de histórias” através do qual a humanidade reconhece a si mesma. (CORSO & CORSO, 2006, p.16).

A partir dessa linguagem narrativa a criança introjeta o mundo exterior, desenvolvendo novos nichos de relações com

o outro, com o mundo e com ela mesma. Segundo Bettelhein (2002) os contos de fadas se ornaram com um dilema existencial breve e categórico que possibilita para a criança apreender em suas concepções mesmo uma trama complexa. O conto de fadas descortina-se na sua essência esboçando o seu império de imagens e revelando seus simbolismos.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimulá-la a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIN, 2002 p. 5)

O livro *A psicanálise dos contos de fadas* já nos evidencia que este gênero nada mais é do que uma representação imaginativa para as crianças daquilo que tem mais saudável no desenvolvimento humano.

A obra em análise revela de maneira muito natural a descoberta do amor entre as protagonistas. A luta para permanecerem juntas. A revelação para a família. O diálogo que Cíntia constrói com a comunidade; a família e com Febo e a própria Istar. A narrativa é bastante inclusiva tendo em vista que trabalha sobre a ótica de redefinição de papéis colocando a família real sendo representada por personagens negros. As narrativas clássicas tradicionais, geralmente não revelam tal expressão nas suas obras. A princesa Cíntia mantém um cabelo Black Power, Febo possui um look mais descolado com dreadlocks nos cabelos e Istar é uma mulher ruiva. Vejamos algumas fotos, retiradas do livro *A princesa e a costureira*, (LESLÃO, 2015).



Figura.1¹



Figura.2²



Figura.3³



Figura.4⁴

¹ A princesa Cíntia e a fada madrinha

² A revelação do amor verdadeiro no momento que Istar toca as costas da princesa.

³ O casamento de Cíntia, Istar e o seu filhinho

⁴ O casamento de Febo e Selene.



Os nomes dos quatro protagonistas possui relação com símbolos mitológicos e da natureza. Cíntia significa Deusa da Lua; Istar, rainha do Céu; Selene, personificação da lua e Febo, Deus do sol.

A narrativa do conto sempre exclama o tom pacificador do povo dos dois reinos. “Ninguém do povo ou da realeza gostava de guerra e todos resolviam suas diferenças com conversas, por mais difíceis que fossem os assuntos”. (LESLÃO, 2015, p.7). No entanto ao perceber a injustiça por parte do rei que voltou atrás quando Istar curou o ferimento da rainha, ele não ofertou a mão para costureira e ainda atirou-lhe na lama, foi um motivo para o povo do reino de EntreRios se rebelarem contra o rei. Ao perceber a reação do povo com a injustiça real, e vendo que Istar defende-lhe não teve outra saída e abençoou o noivado da filha com a costureira.

Bettelhein (2002) sugere que os personagens dos contos de fadas não possui a ambivalência natural acometida aos seres humanos ora sente amor, ora sente ódio, é boa e má. A narrativa se enrijece com a característica de personagens bons ou más. Nessa análise percebemos que não existe a figura de um antagonista. Toda a narrativa percebemos a construção positivas dos personagens em tom de construção. Apesar da figura paterna remontar a idéia da ambivalência de amor com a filha e de raiva por ela tentar transgredir as suas decisões.

A fada madrinha mostra suas peculiaridades. Preocupada com a afilhada lança um encanto. “- Princesinha, crescerás e saberás quem é o seu verdadeiro amor assim que essa pessoa lhe tocar as costas!” (LESLÃO, 2015, p.8). A fada madrinha na verdade ofertou as coordenadas do amor. O toque nas costas localiza se aquele ser é ou não o amor da princesa.

Simone de Beauvoir no seu livro *O Segundo Sexo* nos faz refletir sobre a natureza identitária da mulher. “A fêmea é uma mulher na medida em que se sente como tal. (...) Não é a natureza que defini a mulher: está é que se defini retomando a natureza em sua afetividade.” (Beauvoir, 2016, p.67). As duas mulheres no conto não negavam a sua identidade feminina, mas propunha uma reconciliação dos afetos familiares e do próprio reino para o entendimento dessa aliança que elas almejavam construir juntas, laço de amor e construção dos seus afetos. Os seus comportamentos de enfrentamento diante das situações revelam a personalidades das duas mulheres emancipatórias.

“A psicanálise considera que a verdade primeira do homem é uma relação com seu próprio corpo e com o corpo de seus semelhantes no seio da sociedade” (Beauvoir, 2016, p.75).

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

A psicanalista Françoise Dolto (1996, p. 153), escreve que “o corpo é potencialmente linguagem de comunicação”. De outra forma podemos entender que é no corpo de Cíntia que se inscreve as coordenadas da revelação do seu verdadeiro amor. E a partir da cura do ferimento da rainha que se referenda o enlace da princesa e da costureira.

Ainda diante dos pressupostos de Dolto (1996, p. 153), “A angústia é vizinha do desejo, e essa vizinhança é tanto mais próxima quanto maior for o desejo”. Vemos a figura da princesa persuadindo o pai a deixar a costureira tentar fechar a ferida da mãe. Coloca como argumento a culpa sobre ele caso ocorra o pior com o estado de saúde da mãe. Para mostrar que de fato está fazendo de tudo ele dá a chance de Istar curar a ferida.

Jurandir freire costa (1992 p.15) acredita que a linguagem colabora para se criar o universo de sentidos dos indivíduos e por conseguinte as suas construções identitárias.

“O jogo em que a linguagem tem a tarefa de "representar" falsa ou verdadeiramente o sujeito e o objeto empíricos; o físico e o mental; a fantasia e a realidade; a imaginação e a percepção; idéias e sensações simples ou juízos lógicos complexos”

Por meio da linguagem o corpo é atravessado pela comunicação e se torna símbolo da construção homoerótica da princesa e a costureira. A linguagem performa sobre o prisma dos desejos constituindo as subjetividades.

CONCLUSÕES

Procuramos investigar a luz da psicanálise como o conto de fadas *A princesa e a costureira* da escritora Janaína Leslão, publicado em 2015. Retrata o florescimento do amor entre a princesa Cíntia e a costureira Istar, a construção identitária da mulher e a linguagem enquanto prisma da construção subjetiva das personagens e do seu amor.

Refletimos sobre a ótica da psicanálise Bettelheim (2002) e Corso & Corso (2006). a composição de uma nova parentalidade tendo em vista que elas se casam e vão viver juntas com o filho pequeno de Istar; além de suscitar o debate sobre relacionamentos interracialis haja vista que Cíntia é uma mulher negra enquanto Istar uma mulher branca. Utilizamos como referencial teórico os pressupostos filosóficos de Simone de Beauvoir (2016) para dialogar sobre a construção da identidade

feminina, e os pressupostos psicanalíticos de Françoise Dolto (1996) e Jurandir Freire Costa (1992), debatendo os aspectos da sexualidade feminina e homoerótica.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1991.

Beauvoir, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, 2016.

BETTELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16ª Edição. Paz e Terra, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo. Ática, 1987.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOLTO, Françoise. **Sexualidade feminina: libido, erotismo e frigidez**. Trad: Roberto Cortes de Lacerda. -3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JURANDI, Costa Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o erotismo**. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 1992 :

KEHL, Maria Rita. “A psicanálise e o domínio das paixões”. In: **Os sentidos de paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LESLÃO, Janaína. **A princesa e a costureira**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

PROPP, Vladimir. **As raízes Históricas do conto maravilhoso**. Trad. Rosemary Costhek. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 2ª edição. São Paulo. Editora Perspectiva, 1970.